

Supl. o lid. de O Est. de S. P.,
edições de 9.10.1965

LINGUÍSTICA

Ivan Lind, DE PORTUGAL AO BRASIL. Um pequeno Estudo de Toponímia Brasileira. Lisboa, Casa Portuguesa, 1963, 91 págs.

A presente obra, publicada pelo Instituto Ibero-Americano de Gotemburgo, Suécia, sob os auspícios do Fundo de Investigações Científicas "Wilhelm e Martina Lundgren", pode bem atestar o interesse crescente em torno dos assuntos luso-brasileiros.

Ivan Lind é professor aposentado de Geografia Econômica da Escola Superior Comercial de Gotemburgo e já publicou nesta mesma série o trabalho "Varadouro - Divagações lingüísticas de um geógrafo", 1957; êstes dados exteriores à obra em foco são entretanto de interesse para sua compreensão, pois notificam desde logo que não estamos diante de estudo toponímico pôsto em termos estritamente lingüísticos. Assim, não se espere ver nestas páginas uma contribuição ao nôvo rumo tomado pela ibero-romanística, consistente em se aprofundar nosso conhecimento em torno dos substratos (e ninguém ignora o papel da Toponímia na revelação de primitivos estratos lingüísticos), rumo êsse anunciado por Kurt Baldinger em obra recentemente resenhada neste mesmo local ("La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Península Ibérica", p. 205).

O livro está dividido em sete capítulos, nos quais se estudam os nomes de lugar tipicamente portugueses e sua transposição para o Nôvo Mundo, o significado dos nomes luso-brasileiros, os nomes índios e os negros.

Considerando as bases onomásticas que os portugueses nos herdaram, classifica-os o A. segundo dois critérios: sua origem histórica e o significado que encerram. Entremeando tais ordens, relaciona os topônimos de origem latina, os que se referem à vegetação, às águas às designações de terrenos, os que provêm de palavras germânicas e árabes e os que apresentam questões de sufixação, como o diminutivo -eiró (p. 20; aqui talvez o A. não tenha advertido que se trata de sufixos superpostos, pois o diminutivo é apenas -ó, como em Grijó, de ecclesiola, Vinhô, de vineola e ~~xxxxx~~ Mosteirô, de monasteriolu). Enumera também os "nomes formuladores de um juízo" (Bemposta, Vista Alegre) e aquêles que derivam da linguagem familiar, como "A dos Cães", "A dos Cunhados" (p. 25).

No capítulo seguinte são considerados os topônimos "caracteristicamente brasileiros", categorizados quanto ao sentido+ palavras

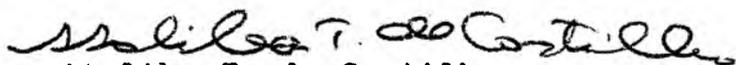
relativas à costa (Cabedelo), configuração do terreno (Esbarrançado), geologia, hidrografia (Sumidouro), vegetação (Faxina), vida e atividade humanas (Casa Grande, Retiro), etc. "Se compararmos os aspectos puramente formais dos nomes geográficos do Brasil com os da metrópole, sente-se uma certa impressão de empobrecimento. Com a imigração portuguesa, as derivações sufixais da língua deixaram em grande parte de ser produtivas, razão por que no Brasil se encontram principalmente os sufixos -al (Cocal) e -eira (Coqueira), aos quais se podem juntar alguns outros como -aria (Vacaria, Rancharia)" - p. 35.

Vêm agora à baila os nomes luso-brasileiros, aos quais se dispensa igual tratamento: topônimos que denotam uma "Atitude individual", de jovialidade e alegria no caso português (Bom Sucesso, Três Corações, Fartura), que lançam mão de antropônimos (Getulina, Presidente Prudente) ou referem a vida econômica (Batatais, Curralinho, Ouro Preto); topônimos que recordam a natureza do lugar (posição à beira da água: Ribeirão Preto, Poço de Caldas -sic-; geologia: Boqueirão; mundo vegetal: Campinas, Juazeiro; posição junto à costa: Angra dos Reis; cadeias de montanhas: Serra dos Órgãos, e cumes de montanhas: Dedo de Deus).

A contribuição dos índios (a quem o A. chama "peles vermelhas" - p. 59), predominante nos estados da Bahia e do Amazonas é também capitulada quanto ao sentido que encerram (nomes de rios, plantas, acidentes geográficos, etc.); de diminuta importância foi a contribuição negra.

Em conclusão, trata-se de livro que poderá redespertar entre nós o gosto por êsse fascinante assunto, muito embora traga alguns senões: classificação dos topônimos segundo critérios discutíveis, deslizos de revisão tipográfica ("Serra da Sentinilla", p. 52; "Ubatuba", p. 74), interpretação fantasiosa ("Abrolhos - ilhas perigosas que obrigavam a gritar "abre os olhos", p. 52) ou explicações incompletas, como no caso de Santarém que deriva de Santa Irene (p. 18) ou Santa Iria, termo corrompido em boca árabe para "Xantarim", segundo Joaquim Veríssimo Serrão, "Santarém: História e Arte", 2ª ed., Comissão Municipal de Turismo de Santarém, 1959, p. 19.

A.T.C.


Ataliba T. de Castilho